

Inovação social e economia compartilhada sem fins lucrativos: aproximações conceituais e práticas

Social Innovation and Non-profit Sharing Economy: Conceptual and Practical Approaches

 Ana Clara Aparecida Alves de Souza¹

 Bruna Tkatch Pereira²

Resumo

Com base na leitura de publicações envolvendo os temas de Inovação Social e Economia Compartilhada, conseguimos encontrar aproximações conceituais e práticas. Ações inovadoras, movidas por um propósito social podem se conectar com a economia de compartilhamento que não visa fins lucrativos. Esse novo tipo de economia surge em resposta ao hiperconsumo, que incita a sociedade a comprar cada vez mais. Na sua essência, a economia compartilhada se opõe ao pensamento de compra e posse de bens de consumo que poderão se tornar ociosos na maior parte do tempo. Há iniciativas que aproximam os dois conceitos, apresentando uma maneira de resolver algum problema social utilizando premissas da economia compartilhada, como o uso de tecnologias para conectar pessoas. Os resultados desta pesquisa indicam as aproximações conceituais dos dois temas, ilustrando-as em dois estudos de caso.

Palavras-chave: inovação social, economia compartilhada, aproximações

Abstract

This paper aims to show how Social Innovation and Sharing Economy can be connected and change society's habits. This new way of economy can align with a different relationship between consumers and companies or even other consumers. The act of borrowing things instead of buying them is an alternative to the habit of hyperconsumption. On the other hand, social innovation initiatives are new ways of improving society and solving social issues. These two thematics can merge, using sharing economy propositions such as technology to connect people to solve societal problems. The results indicate conceptual approximations of these themes, illustrating them in two case studies.

Keywords: social innovation, sharing economy, approximations

¹ clara.ufc@gmail.com, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, Porto Alegre/RS [Brasil].

² brunatckatch@gmail.com, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, Porto Alegre/RS [Brasil].

Recebido em: 07/03/2021

Aprovado em: 28/10/2022

Introdução

O interesse em torno dos termos Inovação Social (IS) e Economia Compartilhada ou de Compartilhamento (EC) tem alcançado bastante espaço nas discussões acadêmicas e na configuração das práticas cotidianas. São diversas as possibilidades de problematização e objetos de investigação científica a partir da utilização dessas abordagens. Compreende-se que ambos os conceitos têm sido debatidos, sob diferentes perspectivas, mas que há uma aproximação possível de delineamento.

A inovação social tem sido conceitualizada por diferentes autores ao longo do tempo (Bignetti, 2011; Cajaiba-Santana, 2013; Moulaert et al., 2013; Martin, Upham, Budd, 2015; CRISES, 2018; Monteiro, 2019; Foroudi et al, 2020; Ndou, Schiuma, 2020), mas tais esforços têm em comum o fato de que esse tipo de inovação parte de uma premissa fundamental: atender uma necessidade social não atendida pelas vias da inovação convencional. Nesse sentido, para que seja compreendida como inovação social, é necessário que haja a identificação dessa demanda. Para Monteiro (2019), esse tipo de inovação tem a sua concepção a partir de uma missão social clara, determinada e conhecida, compreendida em uma dinâmica de mudança socialmente relevante. A respeito da discussão de que toda inovação é social, Varga (2020) destaca que a definição teórica de inovação social enfatiza a necessidade de inovação em todas as áreas da vida, e aponta que as iniciativas de inovação não devem se limitar apenas às esferas técnica e econômica.

Quanto à noção de economia compartilhada ou de compartilhamento, essa também se caracteriza de diferentes formas, seja em resposta a uma crise econômica ou em resposta às práticas tradicionais de propriedade privada. A EC tem como premissa o compartilhamento de serviços ou bens, intermediado por uma plataforma online, podendo se configurar com ou sem fins lucrativos (Belk, 2010; 2014; Botsman, Rogers, 2010; Martin, Upham, Budd, 2015; Schor, Fitzmaurice, 2015; Silveira, Petrini, Santos, 2016; Avelino et al., 2017; Schor, Attwood-Charles, 2017; Plewnia, Guenther, 2018).

Considerando o amplo campo de possibilidades de pesquisa sobre inovação social e economia compartilhada, este artigo, derivado do processo inicial de um projeto de pesquisa de iniciação científica, dedica-se à discussão sobre a aproximação conceitual entre essas abordagens, ilustrando esse processo com dois exemplos práticos. Esta proposição se justifica pela atualidade das discussões em torno da inovação social e da economia compartilhada, considerando o esforço que tem havido para a compreensão desses conceitos e das práticas que têm sido classificadas como tal. No contexto pandêmico de 2020-2021, é possível identificar a intensificação do amplo debate em torno dessas temáticas e outras que as orbitam, devido aos efeitos econômicos, sociais e ambientais intensificados na pandemia de Covid-19. Nesse sentido, para concepção deste artigo, partiu-se da seguinte questão de pesquisa: Como se estabelece a aproximação conceitual e prática entre inovação social e economia compartilhada?

Por meio de uma pesquisa de abordagem qualitativa, foi realizada uma revisão de literatura e, posteriormente, por meio de análise de conteúdo, a identificação de sentenças-chave que indicam aproximações entre a inovação social e a economia compartilhada. No sentido de ilustrar essa aproximação, por meio de exemplos práticos,

apresenta-se a iniciativa WinnieTeca®, que busca gratuitamente, por meio de trocas e doações via plataforma online, tornar livros acessíveis a pessoas negras/pretas que não tenham condições de adquiri-los, e a iniciativa “Tem Açúcar?”®, um aplicativo que conecta vizinhos e vizinhanças para que se ajudem e compartilhem bens e necessidades. Estes são exemplos de inovação social, devido ao motivo primeiro da iniciativa ser atender uma lacuna de demandas sociais e, também, são exemplos de economia compartilhada sem fins lucrativos (Petrini, Freitas, Silveira, 2017).

Os resultados apresentados indicam a possibilidade de aproximação do conceitos de inovação social e economia compartilhada e, nesse processo, a sua potencialização como abordagens voltadas a reconfigurações sociais necessárias ao atendimento de necessidades contemporâneas complexas, sendo estas derivadas de desigualdades sociais ou de modelos econômicos que demandam novas sistematizações das relações sociais. Ademais, o esforço da aproximação conceitual apresentado neste artigo poderá contribuir para a ampliação das leituras possíveis que considerem o caráter de missão social fundante da inovação e das iniciativas de economia compartilhada, para além de noções mais centradas no caráter mercadológico.

O artigo está estruturado em cinco seções, iniciando por esta introdução. As seções seguidas a esta visam apresentar os conceitos de inovação social e economia compartilhada. Segue-se com as seções nas quais são apresentados os procedimentos metodológicos, discussão e análise dos resultados e considerações finais.

Inovação Social (IS)

A noção de inovação social, conforme resgatam Foroudi et al. (2020), é multifacetada e multidisciplinar, o que a permite flutuar em discussões que vão desde políticas públicas a debates sobre sustentabilidade ambiental.

De modo geral, as inovações sociais podem ser consideradas veículos de criação de mudança social, relacionadas à melhoria da qualidade de vida e à criação de mecanismos para lidar com diferentes tipos de problemas. O seu sucesso e viabilidade dependem que sejam culturalmente aceitáveis, economicamente sustentáveis e tecnologicamente viáveis (Butkevičienė, 2009). Para Abreu e André (2006), a inovação social caracteriza uma resposta nova (embora possa ser nova apenas em um contexto) e socialmente reconhecida, que busca gerar a mudança social, ligando a satisfação de necessidades humanas, que não foram satisfeitas via mercado, à promoção da inclusão social, à capacitação de atores sujeitos e a processos de exclusão/marginalização social. A ligação desses atributos desencadeia uma mudança, com diferentes gradações, das relações de poder.

As IS são compreendidas também como o resultado do conhecimento aplicado às necessidades sociais, configurado por meio da participação e cooperação dos atores envolvidos, resultando em soluções novas e duradouras para grupos sociais, comunidades ou sociedade em geral (Bignetti 2011). Cajaiba-Santana (2013) destaca que a ação coletiva, para além da individual, e o contexto estrutural evoluem de maneira interativa no processo de criação de inovação social.

Essa noção multidisciplinar da IS corrobora com o que destacam Moulaert et. al. (2013), conforme os quais a inovação social se caracteriza por soluções progressivas aceitáveis para uma série de problemas de exclusão, privação, alienação, ausência de bem-estar e para ações que contribuam positivamente para o progresso humano significativo e para o desenvolvimento. Phills, Deuglmeier e Miller (2008) compreendem que a inovação social se apresenta como um conceito mais amplo do que os termos empreendedorismo social e empresa social, pois transcende setores, níveis de análise e métodos. A IS, para esses autores, descobre processos que podem se estabelecer em estratégias, táticas e teorias de mudança com vistas à produção de um impacto duradouro. Esses processos de engendramento da inovação social podem ocorrer tanto em organizações quanto no interior de políticas públicas e em movimentos sociais. No âmbito das organizações cujos objetivos são fundamentalmente sociais, as atividades e serviços inovadores são motivados pelo objetivo de atender a uma necessidade social (Mulgan, et. al. 2007).

Já no que diz respeito aos movimentos sociais, Bignetti (2011) destaca que esses podem ser compreendidos como empreendimentos coletivos que emergem em espaços deixados pela ausência ou inação do Estado. Dessa forma, a inovação social pressupõe a criação e aplicação de novos conhecimentos para o contexto, um contexto de aplicação que permita aos atores envolvidos resolverem problemas sociais por meio do desenvolvimento de produtos e serviços que podem melhor satisfaçam necessidades e expectativas em uma comunidade (Ndou, Schiuma, 2020)

A pluralidade de respostas e espaços onde a inovação social pode ser desenvolvida permite, inclusive, a organização de ecossistemas, como ambientes colaborativos e propícios ao desenvolvimento de novos arranjos nas esferas social, cultural e econômica da sociedade com vistas a resolver problemas sociais complexos de uma forma inovadora e sistêmica. Tais ecossistemas podem ser compostos por atores de diferentes setores e ambientes da sociedade, ainda que cada um siga normas jurídicas e culturais, infraestruturas de apoio, ligações com outras, forças motrizes e regras específicas (Caro-Gonzalez, Serra, 2020).

O Centre de Recherche sur les Innovations Sociales (CRISES, 2018), instituição canadense veterana na discussão sobre inovação social, compreende que a inovação social trata de um processo iniciado por atores com o objetivo de responder a uma aspiração social, atender a uma necessidade, oferecer uma solução ou beneficiar-se de uma oportunidade para mudar as relações sociais, transformando um cenário ou propondo novas orientações culturais para a melhoria da qualidade e das condições de vida da comunidade.

No que diz respeito à configuração das inovações sociais, Vargas (2020) apresenta, entre os processos essenciais, o exame das necessidades emergentes que, para satisfação, demanda uma análise prévia dos recursos e uma análise de situação relacionada. Seguida pela conexão das necessidades da comunidade, dos desafios sociais, das soluções não mercantis e das medidas governamentais orientadas, bem como as novas respostas possíveis a essas questões.

A partir da concepção múltipla de inovação social, mas que mantém na centralidade a noção de missão social fundadora desse conceito, pressupõe-se uma

aproximação desse conceito, embora amplamente definido, com características da economia compartilhada sem fins lucrativos.

Economia Compartilhada ou de Compartilhamento (EC)

O que se caracteriza na contemporaneidade como Economia Compartilhada ou de Compartilhamento é um movimento que surge em resposta ao hiperconsumo, adotando práticas disruptivas e colaborativas e que tem como marco os efeitos da crise mundial de 2008 (Albinsson, 2012; Petrini, Freitas, Silveira, 2017). Uber, AirBnb, Ebay, BlaBlaCar, CouchSurfing, espaços de *co-working*, banco do tempo de vizinhos, lojas colaborativas, entre outros, são exemplos de economia compartilhada, algumas dessas iniciativas têm fins lucrativos, outras, não. Na economia de compartilhamento, conforme Schor et al. (2016), boas combinações podem acontecer entre pessoas que desejam promover trocas entre si, fornecer ou receber serviços, ou compartilhar habilidades, informações e contatos sociais.

Para além da ideia inicial sobre compartilhamento identificada em pesquisas antropológicas sobre essas práticas (Felson, Spaeth, 1978), e diferenciações de trocas estabelecidas entre consumidores, trocas de mercadorias, trocas de presentes, trocas familiares (Belk, 2010, 2014; Frenken, Schor, 2017), há um esforço nessa literatura para identificação e apresentação de classificações, modelos e taxonomias que permitam circundar o fenômeno na atualidade. Esses esforços resultam em pesquisas que destacam perspectivas mais entusiastas ou críticas sobre o tema (Albinsson, 2012; Belk, 2010, 2014; Botsman, Rogers, 2010; Schor, Fitzmaurice, 2015; Martin, 2016; Silveira, Petrini, Santos, 2016; Petrini, Freitas, Silveira, 2017; Murillo, Buckland, Val, 2017; Arcidiacono, Gandini, Pais, 2018; Plewnia, Guenther, 2018).

A economia compartilhada, assim como a inovação social, carece de definição consensual. As definições variam conforme os autores, algo natural a um tema ainda em processo de exploração e desenvolvimento. Para Botsman e Rogers (2010), a EC corresponde a um tipo de compartilhamento entre as pessoas, em uma ideia de “o que é meu, é seu”. Esse compartilhamento, conforme esses autores, pode dar-se face-a-face ou por meio de plataformas de internet, utilizando este recurso, chega-se a muitas interações, em uma escala nunca antes possível.

Frenken et al. (2015) compreendem que a economia compartilhada se estabelece nas dinâmicas entre consumidores concedendo, uns aos outros, acesso temporário a ativos físicos ociosos, podendo haver troca monetária. Ao afirmarem que não há uma terminologia única para a EC, Schor e Attwood-Charles (2017) destacam a relevância dessa discordância no sentido de ampliar as discussões e teorizações sobre o fenômeno, já que estabelecido em um setor com caráter altamente mutante.

As particularidades atreladas à noção de economia compartilhada indicam o compartilhamento entre pessoas desconhecidas, preponderantemente intermediado por um recurso digital, em geral uma plataforma ou rede social de internet, e a não propriedade, mas o acesso temporário a bens de consumo e serviços (Belk, 2014; Schor, 2014; Frenken, Schor, 2017). A plataforma digital tem ação intermediária de modo a funcionar como um meio para levar aos usuários uma sensação de mais segurança e confiança na interação. Há diversas possibilidades de iniciativas que podem se abrigar sob o guarda-chuva da economia compartilhada. Esse termo se tornou uma *buzzword*

(Petrini, Freitas, Silveira, 2017), o que leva a sua discussão para amplos espaços e diferentes lentes.

Belk (2010, 2014) destaca a noção de *sharing in*, quando o compartilhamento é realizado entre grupos próximos e conhecidos, e *sharing out*, quando realizado entre grupos mais distantes e entre pessoas que não se conhecem. O autor destaca, ainda, o *pseudo-sharing*, devido às características intimamente ligadas ao mercado no estabelecimento da troca. Na perspectiva de Plewnia e Guenther (2018), esse tipo “falso” de EC sinaliza um vazio de interações sociais mais significativas.

Na perspectiva de Botsman e Rogers (2010), para além da relação de troca de bens e serviços, os sistemas de EC proporcionam amplos benefícios ambientais, pois proporcionam o aumento da eficiência do uso dos bens, de modo a reduzir o desperdício e incentivar o desenvolvimento de produtos melhores, o que contribui para a redução do excedente criado pela superprodução e pelo hiperconsumo. Apesar desses benefícios relacionados à EC, são também destacados impactos negativos, sociais e econômicos na configuração dessas dinâmicas de compartilhamento (Plewnia, Guenther, 2018).

Algumas discussões sobre a economia compartilhada buscam alinhamento entre esse conceito e a noção de inovação social, no sentido de tratar o consumo colaborativo, que pode ser proporcionado nessa dinâmica de compartilhamento, como um meio para o estabelecimento de práticas de inovação social, alinhando-se a padrões mais próximos à promoção da sustentabilidade (Martin, Upham, Budd, 2015; Martin, 2016; Petrini; Pozzebon, 2018).

Petrini, Freitas e Silveira (2017), propõem um framework no qual é apresentada uma tipologia da economia compartilhada que aponta: novos modelos de negócios, negócios redesenhados e compartilhamento por ideal. Este último tipo, “compartilhamento por ideal”, identificado pelos autores, é aquele que melhor se aproxima de uma dinâmica colaborativa de consumo social consciente e com a ausência de uma transação financeira. Destaca-se, nessa identificação, plataformas que promovem a troca de livros e aproximam comunidades, tal qual será apresentado nesta pesquisa, como casos em que há aproximação entre as ideias da inovação social e da economia compartilhada sem fins lucrativos.

Procedimentos metodológicos

No sentido de responder à questão apresentada, foi realizada uma pesquisa com abordagem qualitativa seguindo as concepções de Van Maanen (1979), segundo o qual, a opção por operar neste modo de pesquisa busca a redução da distância entre dados e teoria, e entre contexto e ação. Myers (2019) corrobora ao destacar que métodos de pesquisa qualitativos se destinam a ajudar os pesquisadores a melhor entender pessoas conforme o que elas dizem e fazem, além de ajudar a entender contextos sociais e culturais nos quais essas pessoas vivem.

Nesse sentido, o procedimento de coleta de dados deu-se em três etapas. Inicialmente, foi realizada uma ampla revisão de literatura sobre inovação social e economia compartilhada, no sentido de identificar o estado da arte dos conceitos e como eles podem estar relacionados nas discussões em curso. Para tanto, foram

buscadas publicações qualificadas, considerando o Qualis da Capes, em periódicos nacionais e internacionais, utilizando os termos tanto em português quanto em inglês, resultando, para esta pesquisa, em cerca de 20 artigos centrais para cada um dos conceitos.

Na segunda etapa, após a identificação e leitura desses artigos, foi criada uma planilha comparativa entre os textos de inovação social e os de economia compartilhada, no sentido de identificar aproximações nas narrativas conceituais, conforme exemplificado na Tabela 1:

Tabela 1

Comparação entre artigos de IS e EC buscando aproximações

Artigo de inovação social (IS)	Artigo de economia compartilhada (EC)
Ndou, V. & Schiuma, G. (2020). The role of social innovation for a knowledge-based local development: insights from the literature review. <i>Int. J. Knowledge-Based Development</i> , 11(1), 1-20.	Petrini, M., Freitas, C. S. & Silveira, L. M. (2017). A proposal for a typology of sharing economy. <i>Revista de Administração Mackenzie – RAM (Mackenzie Management Review)</i> , 18(5), 39-62.
<p>"Sharing economy emerges as a manifesto to hyper consumption, adopting disruptive collaborative practices. Such practices suggest market intelligence focused on sustainability and encompass multiple social dimensions, such as those involving values, practices and consumption habits, environmental awareness, quality of life, technological development, and economic and social perspectives (Heinrichs, 2013)." (EC, p.41)</p> <p>"A strategic way to foster and support local development by using and employing knowledge ingrained in a local context is to promote and sustain social innovation as a way to provide an answer to social issues." (IS, p.7)</p> <p>-----</p> <p>"Thus, SE can be also seen as opportunities for new business that appeal to the environmentally conscious audiences, stimulating new forms of consumption associated with consumer choice (Kopnina, 2017)." (EC, p.55)</p> <p>"Indeed, social innovation presupposes the creation and application of new knowledge for the context of the application that enables actors to solve social problems by developing products of services that can better satisfy the wants, needs and expectations of a local community." (IS, p.8).</p>	
Artigo de inovação social (IS)	Artigo de economia compartilhada (EC)
Mulgan, G., Sanders, B., Tucker, S. & Ali, Rushanara. Schor, J. B., Fitzmaurice, C., Carfagna, L. B., (2007). Social Innovation: What It Is, Why It Matters and Attwood-Charles, W., Poteat, E. D. (2016) How It Can Be Accelerated. <i>Skol Centre for Social Paradoxes of openness and distinction in Entrepreneurship</i> , 1-53.	the sharing economy. <i>Poetics</i> . 66-81.
<p>"By contrast, we have chosen sites in which people are trying to either transform existing fields or create new ones that are not characterized by logics of domination. They are hoping to build more egalitarian, non-exploitative, and personal relationships." (EC, p.67)</p> <p>"Innovative activities and services that are motivated by the goal of meeting a social need and that are predominantly developed and diffused through organisations whose primary purposes are social." (IS, p.08)</p> <p>-----</p> <p>"Social innovation refers to new ideas that work in meeting social goals." (IS, p.08)</p> <p>"In the sharing economy, good matches happen between people who want to trade food with each other, provide or receive services, or share skills, information, and social contacts." (EC, p.68)</p>	

Fonte: dados da pesquisa

Como terceira etapa, após identificados os trechos desses artigos que sinalizam alinhamentos discursivos, buscou-se dois casos para ilustrar a aproximação entre inovação e economia compartilhada em uma perspectiva sem fins lucrativos. Os casos escolhidos podem ser compreendidos como casos instrumentais, por permitir ilustrar

e discorrer sobre a questão conceitual. A opção pela análise de casos dar-se pela compreensão de que casos instrumentais (Stake, 1998) são representativos para a compreensão de um fenômeno, considerando que aquilo que está no interesse central não é o caso, mas a sua contribuição para a leitura do fenômeno em questão. Nesse sentido, essa denominação diz respeito a casos particulares que são examinados, principalmente, para fornecer insights sobre uma questão. O estudo de caso instrumental ilustra como as preocupações de pesquisadores se manifestam no caso. Dessa forma, este artigo destaca as iniciativas denominadas WinnieTeca® que utiliza a leitura como uma ferramenta no combate ao racismo, e a iniciativa “Tem Açúcar?®”, que conecta vizinhos e comunidades que possam se ajudar pelo compartilhamento de bens e solidariedade.

A análise dos dados sistematizados foi realizada adotando uma postura interpretativista, com abordagem construtivista (Alvesson, Skoldberg, 2000), de modo a discorrer sobre as nuances sociais presentes nas informações identificadas que permitem a associação conceitual e prática proposta.

WinnieTeca®: acessibilidade à leitura

Em entrevista concedida ao portal Geledés - Instituto da Mulher Negra, Winnie Bueno destaca que na sua adolescência os livros viraram refúgio, pois na escola onde estudava via poucas crianças negras e sentia-se isolada, passando muito tempo na biblioteca. O seu aniversário de 15 anos foi realizado dentro de uma biblioteca, sinalizando a sua relação afetiva com esse espaço (Fajardo, 2020).

Por conta dessa paixão, Winnie criou a WinnieTeca®, em novembro de 2018. A iniciativa ocorreu de uma forma voluntária quando Winnie, vendo as mobilizações pelo Dia da Consciência Negra, no Twitter®, sugeriu às pessoas brancas que estavam se declarando antirracistas, que doassem livros. A ideia teve ampla adesão na rede social e Winnie iniciou a buscar pessoas negras que gostariam de receber livros. Foi nesse contexto que, via conta do Twitter® da WinnieTeca® foi possível viabilizar, em um ano, a doação de mil livros. A conta da iniciativa contava com 45 mil seguidores em março de 2021.

Dessa forma, a WinnieTeca® é um projeto que visa promover a leitura, visto que livros são considerados artigo de luxo no Brasil, o que dificulta o acesso de grande parte da população. Inicialmente chamada de “Tinder dos Livros”, por promover esse “match” entre os interessados, conta com o apoio do Geledés e do Twitter® Brasil, e já coordenou a doação de mais de 3 mil livros, segundo último balanço do próprio Geledés, em matéria de abril de 2020, sobre a iniciativa.

Operacionalmente a troca ocorre pela moderação de mensagens entre as pessoas que manifestam o interesse em algum livro e aquelas que podem atender essa necessidade, enviando o título. Essas pessoas são postas em contato e dão seguimento ao processo de doação/recebimento do livro. A participação acontece através do Twitter® (@winnieteca) por meio de mensagens automáticas no *chat (bots)*, onde o interessado escolhe se deseja doar ou receber livros, os beneficiados devem ser necessariamente pessoas negras/pretas, mas qualquer pessoa pode doar. Não há restrição a respeito do gênero literário, mas grande parte dos livros escolhidos são

justamente de alguma temática social, principalmente, racismo e feminismo, entre outras.

Alguns dos beneficiados postam na plataforma uma foto de seu livro e agradecem a WinnieTeca® e, às vezes, ao doador, incentivando mais pessoas a participarem do projeto. Há uma diferença, significativa, no número de pessoas que precisam de livros e em interessados em doar, sendo assim, a divulgação do projeto é muito importante. Inclusive não há limite para o número de vezes que as pessoas podem participar do projeto. A partir do sucesso da WinnieTeca® a sua idealizadora lançou, em 2020, uma campanha de financiamento coletivo na Plataforma Catarse, denominada “Projeto Lendo Mulheres Negras nas Comunidades” com vistas a arrecadar doações que permitam equipar 5 bibliotecas comunitárias com 40 obras sobre mulheres negras.

Pelas características dessa iniciativa, compreende-se que se trata de um caso exemplar da junção entre inovação social e economia compartilhada sem fins lucrativos. Assim como a WinnieTeca®, a iniciativa “Tem Açúcar?”® também permite o estabelecimento da conexão entre esses dois conceitos.

Tem Açúcar?®: conexão entre vizinhos

O aplicativo para dispositivo móvel “Tem açúcar?”® é uma iniciativa de compartilhamento entre vizinhos criada pela designer e comunicadora carioca Camila Carvalho, em 2015 (Abdo, 2020). O nome sugere a ideia de resgate da prática de bater na porta do vizinho para pedir “uma xícara de açúcar”. Ao baixar o aplicativo, gratuitamente, o usuário pode pedir algum tipo de ajuda na sua vizinhança, oferecer algo ou ver postagens de outras pessoas e entrar em contato pelo chat, se puder colaborar. A ideia surgiu, inicialmente, como um site e, um ano depois, foi desenvolvido o aplicativo para smartphones. Com a mudança, o tempo médio de espera para respostas passou a ser apenas algumas horas e não mais dias. No primeiro mês da plataforma, já havia mais de 30 mil usuários, atualmente há mais de 80 mil. Está presente em mais de 10 mil vizinhanças, em diferentes cidades do Brasil (Abdo, 2020).

No site da plataforma “Tem açúcar?”®, na aba “Sobre nós”, a empresa se posiciona como entusiasta da sustentabilidade e relações colaborativas e explica as motivações que levaram à criação desta rede. Como a preocupação com o meio ambiente, condições de trabalho análogas à escravidão em grandes fábricas, descarte incorreto dos produtos industrializados, entre outras. Essas preocupações ocorrem pois o hiperconsumo não é sustentável e degrada o planeta com rapidez, aumentando o gasto de energia, a poluição e tornando os recursos naturais escassos. A equipe do projeto afirma acreditar em um mundo no qual:

- SER > TER;
- O acesso é melhor do que a posse;
- Colaborar é bem mais maneiro do que competir;
- A interdependência ganha de mil a zero do individualismo;

- E a abundância vem das relações que construímos.

O aplicativo sugere que os usuários dividam comida, achem parceiros para exercícios físicos, companhia para caronas, emprestem ferramentas ou outros bens ociosos, criando assim novos vínculos.

Durante a pandemia de Covid-19, alguns usuários se dispuseram a fazer serviços básicos para seus vizinhos, especialmente os de grupo de risco (Abdo 2020). Atividades como ir à farmácia, levar o lixo, passear com o animal de estimação, fazer algum reparo básico, entre outros. Dessa forma, foram sendo criados laços entre moradores do mesmo bairro ou até do mesmo condomínio, pois não envolve troca monetária pelos serviços fornecidos.

A repentina necessidade de trabalhar na própria casa, pois, muitas empresas adotaram o modelo home office, levou muitas pessoas à procura de artigos para escritório. A crise econômica foi acentuada e muitos trabalhadores não podem pagar por novas cadeiras, teclados ou outros itens necessários. As redes sociais se tornaram o lugar onde é mais fácil atingir um maior número de pessoas. Uma plataforma como o “Tem açúcar?”[®] permite atingir muitos vizinhos, sendo assim, para os encontros de trocas ou entregas, não é preciso realizar um deslocamento extenso.

Os idosos, fumantes, gestantes, crianças abaixo de 5 anos e portadores de diversas doenças crônicas fazem parte do grupo de risco da pandemia de Covid-19. Tendo em conta as estatísticas que apontam maior fatalidade da doença em pessoas acima de 60 anos, os idosos são aconselhados a não saírem de casa, nem mesmo para atividades básicas como ir ao mercado. Sabendo desta restrição, as pessoas começaram a demonstrar maior preocupação com os idosos, não apenas de suas famílias, mas também seus conhecidos e vizinhos.

Diante da preocupação com o grupo de risco, mas também sabendo que uma grande parcela dos idosos não possui ou utiliza smartphones, o aplicativo “Tem açúcar?”[®] poderia não ser acessível aos que mais precisam no momento. Como alternativa, a empresa criou panfletos que estão disponíveis para impressão. Há duas opções, uma individual onde o vizinho oferece a sua ajuda, e outra coletiva, podendo-se fazer uma lista de vizinhos e colar no elevador ou saguão do prédio.

Análise e discussão dos resultados

A partir da revisão da literatura e da planilha desenvolvida em busca de elementos semelhantes entre os conceitos de inovação social e economia compartilhada, foi possível identificar questões que indicam a possibilidade de aproximação entre essas abordagens que compõem fenômenos de interesse bastante contemporâneo. Os destaques da Tabela 1 indicaram como foi o procedimento de comparação. Adicionalmente, a Tabela 2 indica o resultado de outras sentenças-chave presentes nos artigos comparados que nos permitiram estabelecer a relação conceitual buscada.

Tabela 2:

Sentenças aproximativas entre os conceitos de inovação social e economia compartilhada.

Inovação social	Economia compartilhada
Atender necessidades e carências sociais;	Modelos de negócio que combinam o crescimento econômico com sustentabilidade ambiental e social;
Descobrir processos que produzem impacto duradouro;	Produzir novas formas de organização;
Conjugar eficácia econômica e impacto social;	Preocupação com a escassez de recursos ecológicos;
Resolução de problemas sociais de uma forma inovadora e sistemática;	Comunidade como condutora de participação das pessoas na economia compartilhada;
Resposta nova e socialmente reconhecida que visa e gera mudança social;	Práticas culturais de reciprocidade de trabalho e ajuda não remunerada como estímulos para o consumo colaborativo;
Inclusão de pessoas ou coletivos de base territorial;	Combinam o crescimento econômico com sustentabilidade ambiental e social;
Inovações sociais que cruzam os domínios da política e da tecnologia;	Alinhamento do interesse pessoal e o bem comum;
A inovação social tem se tornado cada vez mais importante para o crescimento global;	Criação de instâncias de proximidade que geralmente só são experimentadas em um círculo fechado de amigos e familiares;
Demandas crescentes por tipos de crescimento econômico que melhoram em vez de prejudicar as relações humanas e o bem-estar;	Defesa da propriedade e o uso compartilhados, a reutilização e revenda de bens e a otimização do uso de ativos;
Transformação das relações entre credores e devedores pelas microfinanças;	Essas inovações fornecem às pessoas acesso de baixo custo a bens;
Conexão das necessidades da comunidade, os desafios sociais, as soluções não mercantis e as medidas governamentais orientadas, bem como as novas respostas a elas;	Aumentar a conexão social e construir rede social;

Fonte: dados da pesquisa

A partir das sentenças de aproximação entre IS e EC destacadas, é possível compreender que esses dois conceitos têm muitos pontos de diálogos possíveis, especialmente quando considerada a perspectiva da EC sem fins lucrativo, no “compartilhamento por ideal”, como destacado na tipologia apresentada por Petrini, Freitas e Silveira (2017).

Nesse sentido, baseando-se nos destaques da Tabela 2, quando se tem na inovação social a questão do atendimento a “necessidades e carências sociais” (Monteiro, 2019), tem-se aproximada a ideia da economia compartilhada de “alinhamento do interesse pessoal e o bem comum” (Belk, 2017). Outro ponto de aproximação que pode ser conectado é a noção de “demandas crescentes por tipos de crescimento econômico que melhoram em vez de prejudicar as relações humanas e o bem-estar” presente na discussão destaca por Mulgan, Sanders e Tucker (2007), que se alinha à perspectiva da EC que pressupõe a adesão de práticas que “combinam o crescimento econômico com sustentabilidade ambiental e social” (Silveira, Petrini, Santos, 2016).

A “resolução de problemas sociais de uma forma inovadora e sistemática” (Caro-Gonzalez, Serra, 2020) prevista via inovações sociais, bem como a “criação de instâncias de proximidade que geralmente só são experimentadas em um círculo fechado de amigos e familiares” possível pela economia compartilhada (Bucher et. al, 2017), indicam também uma aproximação do propósito fundante nesses conceitos, ainda que não haja consenso, eles podem se configurar centrados nessa atenção. Ademais, a ideia de “inovações sociais que cruzam os domínios da política e da tecnologia” (Abreu, André, 2006) e a junção disso com “práticas culturais de

reciprocidade de trabalho e ajuda não remunerada como estímulos para o consumo colaborativo” possível em movimentos de economia compartilhada (Silveira; Petrini; Santos, 2016), permitem evidenciar a possibilidade de aproximação entre os conceitos a partir do esforço de leitura e comparação realizado nesta pesquisa.

Dessa forma, compreende-se que tais aproximações podem também ser identificadas em projetos sociais, como é o caso da WinnieTeca®, e em plataformas de conexão comunitária, como o “Tem Açúcar?®”, destacadas nesta pesquisa. A iniciativa de doação de livros para pessoas negras/pretas nasceu a partir da motivação de atender a uma demanda social e promove uma mobilização social coletiva inovadora (Mulgan, Sanders, Tucker, 2007; Bignetti, 2011; Cajaiba-Santana, 2013; Ndou, Schiuma, 2020; Vargas, 2020). Essa mobilização dar-se por via de uma plataforma online, o Twitter® de acesso gratuito para qualquer pessoa que desejar criar uma conta. Em um momento no qual o governo federal brasileiro indica a possibilidade de taxaço de livros, destaca-se este caso como essencialmente representativo para discussão proposta. Já a “Tem Açúcar?®”, alcança ainda mais relevância no contexto pandêmico, onde as pessoas estão em isolamento e precisam de solidariedade comunitária.

A doação dos livros é estabelecida pela mediação do perfil @winnieteca, no Twitter®, que estabelece uma relação de confiança entre os pares e não cobra nenhum tipo de taxa para que a doação se concretize. Assim, identifica-se que o projeto se encaixa em definições de inovação social por ter como principal meta o combate à desigualdade social e racial, em uma tentativa de facilitar o acesso de pessoas negras/pretas à literatura. Essa configuração indica que esta é, além de uma iniciativa socialmente inovadora, um exemplo claro de economia compartilhada sem fins lucrativos, por sua prática colaborativa (Albinsson, 2012; Petrini, Freitas, Silveira, 2017). Ele se aplica para a “Tem Açúcar?®”, pois inova socialmente na conexão de vizinho, utilizando uma plataforma que não demanda pagamento para que as interações e trocas possam ocorrer na comunidade.

O que torna a WinnieTeca® e a “Tem Açúcar?®”, representações genuínas de economia compartilhada e não um *pseudo-sharing* como destacado por Belk (2010, 2014), é o fato de que ocorre uma interação na qual não há ligações com práticas mercadológicas convencionais, dessa forma, as trocas no caso destacado são resguardadas de um possível vazio de interações, que podem ocorrer em um “falso” tipo de EC, como ressaltam Plewnia e Guenther (2018).

No caso da WinnieTeca®, alguns dos beneficiados postam na plataforma uma foto de seu livro e agradecendo a intermediação e, também, ao doador incentivando, assim, mais pessoas a participarem do projeto. Há uma desproporção significativa entre o número de pessoas que precisam de livros e daquelas interessadas em doar, sendo assim, a divulgação do projeto é relevante para que a economia compartilhada nele configurada possa se expandir, inclusive, inspirando outras iniciativas de inovação social semelhantes que possam ocorrer em outros contextos. Ressalta-se que não há limite para o número de vezes que as pessoas podem participar do projeto.

No sentido de ilustrar a representatividade da WinnieTeca® para os participantes, alguns relatos postados no Twitter® (mas preservadas aqui as identidades das pessoas que comentaram) são destacados:

“Toda a vez que eu compro um livro, compro um junto pra @WinnieTeca. Foi uma meta que me impus: só posso sustentar o “vício” de comprar novos livros se puder ajudar alguém. Doem galera. É um projeto muito legal, daqueles que se dá orgulho de ver existir.” (Doador(A))

Na postagem destacada, é possível observar o reconhecimento da representatividade da iniciativa, bem como o convite para que outras pessoas participem do processo de compartilhamento dos livros. O relato remete à lógica da EC que destaca a ideia de conexão pelo compartilhamento conforme a qual “o que é meu, é seu” (Botsman, Rogers, 2010). Ressalta-se que a força das inovações sociais, bem como da economia compartilhada, dar-se na conexão entre pessoas que têm uma demanda e outras que possam atender a essa demanda. Dessa forma, as inovações sociais, sejam projetos, produtos, serviços, iniciativas, entre outras, e a economia compartilhada, especialmente via alguma plataforma digital, unidas podem promover essas interações de fortalecimento do compartilhamento e da cooperação.

Os beneficiados pelas doações via WinnieTeca® ressaltam a importância do projeto para sua própria formação acadêmica e enfatizam que não teriam outros meios de ter acesso a tais leituras:

“Ganhei um livro via projeto da @winniebueno, o maravilhoso @WinnieTeca. São projetos como este que dão forças e que olham para nós, pessoas pretas, como fontes de brilhos - também.” (Leitor(A) Beneficiado(A))

“Nos agradecimentos do meu TCC vou deixar um espaço reservado para @WinnieTeca porque se não fosse o projeto, nem a minha pesquisa eu teria começado. Quero esse projeto na minha vida pra sempre! E quero ter condições de doar também para ajudar jovens negrxs como eu! #PedeUmLivro.” (Leitor(A) Beneficiado(A))

Quanto ao caso da “Tem Açúcar?®” alguns pedidos são bastante representativos das demandas intensificadas durante a pandemia, tais manifestações indicam fortemente o laço de compartilhamento estabelecido:

“Quebra cabeça, jenga ou qualquer outro jogo que consiga acalmar a hiperatividade aqui de casa, eu agradeceria muito e devolvo com bombom :D” (anonimato do usuário preservado)

“Gente, temos uma composteira em casa e estamos com um pouco de chorume sobrando. Quem estiver precisando da um toque.” (anonimato do usuário preservado)

A iniciativa pode ser considerada na perspectiva da economia compartilhada sem fins lucrativos, pois promove uma mudança de pensamento: empréstimo e troca, substituindo o hiperconsumo e a propriedade individual de objetos (Belk, 2017). Os exemplos ilustram a pluralidade de demandas contidas no aplicativo. Em um momento de crise pandêmica, há muitas pessoas pedindo por ajuda, como empréstimos ou doações de objetos. Mas também há muitos que oferecem ajuda, seja física, como ir ao mercado ou doar material de jardinagem, seja online, como aulas gratuitas e divulgação de conhecimento.

“Galerinha, precisando de uma cadeira pra continuar meu home office. Sou pesquisadora científica, passo muito tempo sentada. Por isso se alguém tiver uma cadeira legal aí pra emprestar, agradeço!” (anonimato do usuário preservado)

“Em tempos tão amargos ofereço algum conhecimento que tenho com crochê básico, tricô básico e artesanato pelo zap” (anonimato do usuário preservado)

Dessa forma, sendo a inovação social configurada em demandas baseadas em necessidades não atendidas, a plataforma cumpre também este papel, para além do compartilhamento. Nesse sentido, torna-se um canal de comunicação para que as relações sociais possam ocorrer no contexto de necessidades pontuais ou isolamento social. No aplicativo, os vizinhos buscam resolver problemas sem recorrer à compra de um novo objeto, que ficará guardado na maior parte do tempo, além de fortalecer os laços da comunidade através da troca, alinhando-se com o que Botsman e Rogers (2010) defendem ao tratarem da ideia de “o que é meu, é seu”, na economia compartilhada.

A junção da inovação social da economia compartilhada sem fins lucrativos identificada como exemplo no caso da WinnieTeca® e da “Tem Açúca?”®, permite destacar não só a operação dessas interações, mas as questões sociais que estão subjacentes à necessidade desse tipo de iniciativa no contexto brasileiro.

Os agradecimentos dos(as) leitores(as) que receberam livros de doadores via WinnieTeca® indicam a representatividade da plataforma quanto ao seu propósito social de possibilitar o acesso à literatura para pessoas negras/pretas que não poderiam investir na compra desses livros. Ademais, também os autores desses livros são beneficiados vendendo os seus livros e chegando às mãos de leitores que estavam deveras precisando da sua contribuição bibliográfica para as suas formações cidadãs. A ausência do Twitter® como plataforma gratuita para essa interação, dificilmente, seria possível aproximar essas pessoas e concluir essas doações. Dessa forma, rompe-se, via economia compartilhada, o ciclo que, em geral, fica restrito a familiares e amigos (Bucher et. al, 2017), no máximo, conhecidos, mas não antes entre “pessoas desconhecidas”. Assim, de forma inovadora e sistemática (Caro-Gonzalez, Serra, 2020), a WinnieTeca® promove e potencializa essas conexões em uma perspectiva nacional.

“Há alguns meses idealizei comprar dois livros, mas tive que desistir de um deles porque o dinheiro apertou, então lembrei da @WinnieTeca graças a este projeto maravilhoso, idealizado pela @winniebueno, hoje recebi meu livro” (Leitor(A) Beneficiado(A))

“De novo a @WinnieTeca me ajudando a conseguir um livro que queria a muito tempo, só agradeço pela existência desse projeto que torna possível acreditar na democratização do acesso à leitura pra pretos no Brasil.” (Leitor(A) Beneficiado(A))

Meu xodó são histórias de ninar para garotas rebeldes e As cientistas, só Deus sabe como eu queria essas fofuras e não tinha um tostão para comprar consegui graças a @WinnieTeca e graças as pessoas que decidiram doar. Esse projeto é a coisa mais linda.” (Leitor(A) Beneficiado(A))

A nova configuração relacional, decorrente da pandemia de Covid-19 nas trocas estabelecidas nas plataformas, indicam que se trata de inovações sociais também pelo fato de poder ser configurada a partir do exame de necessidades emergentes, por meio de uma análise prévia dos recursos da situação, como aponta Vargas (2020). Essa dinâmica é seguida pela conexão dos desafios e necessidades da comunidade, de soluções não apenas mercantis e de novas respostas possíveis a essas questões.

A partir das informações analisadas oriundas da revisão de literatura, do processo comparativo conceitual e da análise dos casos WinnieTeca® e “Tem Açúcar?®”, foi possível identificar a aproximação entre aspectos da inovação social e da economia compartilhada, ainda que não haja consenso na definição desses conceitos. Dessa forma, pelo exercício analítico comparativo viu-se a possibilidade dessa aproximação, de modo que tanto na literatura é possível estabelecer relações, quanto recorrendo à análise de iniciativas, na perspectiva de uma noção material e aplicada desses conceitos em conjunto.

Considerações finais

Compreende-se que aproximar inovação social e economia compartilhada permite a junção da leitura de dois conceitos contemporâneos complexos, encadeados pela também complexidade das relações sociais estabelecidas nessas práticas. Pensar nessas duas abordagens em conjunto abre possibilidades de avanço nas teorizações e práticas propostas até então, considerando os esforços já realizados e indicados em modelos conceituais e estudos de caso sobre tais temáticas.

Esta pesquisa buscou apresentar uma resposta sobre como é possível aproximar os conceitos de inovação social e economia compartilhada, o caminho percorrido, revisão de literatura e estudo de caso, não é o único possível para a identificação, mas permite que outras associações sejam buscadas para avançar nessa inter-relação. Ademais, o foco do artigo centrou-se na economia compartilhada sem fins lucrativos, por entender a sua maior proximidade com premissas básicas da inovação social, no que diz respeito à atenção quanto a necessidades sociais fundamentais não atendidas por outras institucionalidades.

Foi possível compreender, a partir do exemplo destacado no caso analisado, como a inovação social associada à economia compartilhada sem fins lucrativos pode potencializar interações sociais para o atendimento de demandas tão fundamentais, como ocorre com o acesso à leitura entre pessoas que, em outras configurações de relações sociais, não se encontrariam para o estabelecimento de um processo de colaboração.

A investigação apresentada será mais amplamente desenvolvida como parte do projeto do qual derivou este artigo, de modo que mais literatura será comparada, no sentido de compor um quadro mais amplo de associação entre as temáticas e outras iniciativas serão, igualmente, analisadas para verificação de como as características de ambos os conceitos se apresentam. A partir daí, novos insights serão derivados.

Como indicações para pesquisas futuras aos acadêmicos que tenham se interessado pela discussão, podem ser desenvolvidos estudos que busquem investigar movimentos de inovação social e economia compartilhada com outras características

que não apenas as identificadas no caso analisado. De modo que seria possível identificar, também, quando ocorre um distanciamento entre essas práticas e quais são os indícios para a não aproximação. A comparação conceitual permite que haja um esforço de aprofundamento nessas temáticas no sentido de evitar uma generalização na qual tudo passa a ser inovação social e tudo passa a ser economia compartilhada, ou ambas, sem distinção. Como esses são conceitos em constante debate e construção, tais exercícios reflexivos permitem contribuir para o debate acadêmico e para a leitura de iniciativas sociais contemporâneas, como é o caso da WinnieTeca® e da “TemAçúcar?®”.

Referências

- Abdo, H. (2020, Março) Aplicativo conecta vizinhos a rede de auxílio durante a quarentena. *VEJA, Cidades*. <https://vejasp.abril.com.br/cidades/aplicativo-conecta-vizinhos-a-rede-de-auxilio-durante-a-quarentena/>
- Abreu, A., & André, I. (2006). Dimensões e espaços da inovação social. *Finisterra*, 41(81), 121-141.
- Albinsson, P. A. (2012). Alternative marketplaces in the 21st century: Building community through sharing events. *Journal of Consumer Behaviour*, 11, 303-315.
- Alvesson, M., & Skoldberg, K. (2000). *Reflexive methodology: New vistas for qualitative research*. Sage.
- Arcidiacono, D., Gandini, A., & Pais, I. (2018). Sharing what? The ‘sharing economy’ in the sociological debate. *The Sociological Review Monographs*, 66(2), 275-288.
- Avelino, F. et al. (2017). *Transitions towards New Economies? A Transformative Social Innovation Perspective*. TRANSIT working paper series, [s.l.: s.n.]. <http://www.transitsocialinnovation.eu/>.
- Belk, R. (2010). Sharing. *Journal of Consumer Research*, 36(5), 715-734.
- Belk, R. (2014). Sharing Versus Pseudo-Sharing in Web 2.0. *Anthropologist*, 18(1), 7-23.
- Bignetti, L. P. (2011). As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa. *Ciências Sociais Unisinos*, 47(1), 3-14.
- Botsman, R. & Rogers, R. (2010). *What’s mine is yours: the rise of collaborative consumption*. Harper Business.
- Bucher, E., Fieseler, C., Fleck, M., & Lutz, C. (2017). Authenticity and the Sharing Economy. *AMD, Academy of Management Discoveries*, 1-48.
- Butkevičienė, E. (2009). Social Innovations in Rural Communities: Methodological Framework and Empirical Evidence. *Socialiniai Mokslai*, 63(1), 80-88.
- Cajaiba-Santana, G. (2013). Social innovation: Moving the field forward. A conceptual framework. *Technological Forecasting & Social Change*, 1-10.
- Caro-Gonzalez, A., & Serra, A. (2020). Towards Social Innovation Ecosystems: From linear pairwise forms of interaction to common purpose-driven networks for shared prosperity. *Position Paper*, 1-19.

- CRISES. (2018). *Centre de Recherche sur les Innovations Sociales*. <http://www.crisis.uqam.ca/>
- Fajardo, V. (2020). *Winnieteca usa leitura como ferramenta de combate ao racismo*. Portal Geledés. <https://www.geledes.org.br/winnieteca-usa-leitura-como-ferramenta-de-combate-ao-racismo/>
- Felson, M., & Spaeth, J. L. (1978) Community Structure and Collaborative Consumption. *American Behavioral Scientist*, 21, 614–24.
- Foroudi, Pantea et al. (2020). Intellectual evolution of social innovation: A bibliometric analysis and avenues for future research trends. *Industrial Marketing Management*, 93, 446-465. <https://doi.org/10.1016/j.indmarman.2020.03.026>
- Frenken, K., & Schor, J. (2017). Putting the sharing economy into perspective. *Environmental Innovation and Societal Transitions*. 23, 3-10.
- Martin, C. J. (2016). The sharing economy: A pathway to sustainability or a nightmarish form of neoliberal capitalism? *Ecological Economics*, 121, 149–159.
- Martin, C.J., Upham, P., & Budd, L. (2015). Commercial orientation in grassroots social innovation: insights from the sharing economy. *Ecological Economics*, 118, 240-251.
- Monteiro, A. (2019). O que é a Inovação Social? Maleabilidade Conceitual e Implicações Práticas. *Dados* [online], 62(3).
- Moulaert, Frank. et al. (2013) General Introduction: the return of social innovation as a scientific concept and a social practice. In: Moulaert, Frank. et al. *The international handbook on social innovation: collective action, social learning and transdisciplinary research*. Edward Elgar Pub., 01-06.
- Mulgan, G., Sanders, B., Tucker, S., & Ali, Rushanara. (2007). Social Innovation: What It Is, Why It Matters and How It Can Be Accelerated. *Skol Centre for Social Entrepreneurship*, 1-53.
- Murillo, D., Buckland, H., & Val, E. (2017). When the sharing economy becomes neoliberalism on steroids: Unravelling the controversies. *Technological Forecasting & Social Change*, 125, 66–76.
- Myers, M. D. (2019) *Qualitative research in business and management*. Sage Publications Limited, 2019.
- Ndou, V., & Schiuma, G. (2020). The role of social innovation for a knowledge-based local development: insights from the literature review. *Int. J. Knowledge-Based Development*, 11(1), 1-20.
- Nunes, M. (2020). Aplicativo “Tem Açúcar?” une vizinhos a idosos durante quarentena do coronavírus. In: Nunes, M., & Camargo, S. (2020). *Inspiração para a ação*. <https://conexaoplaneta.com.br/blog/aplicativo-tem-acucar-une-vizinhos-a-idosos-durante-quarentena-do-coronavirus/>
- Phills, J. A., Deiglmeier, K., & Miller, D. T. (2008). Rediscovering social innovation. *Stanford Social Innovation Review*, 6(4), 34-43.

- Plewnia, F., & Guenther, E. (2018). Mapping the sharing economy for sustainability Research. *Management Decision*, 56(3), 570-583.
- Petrini, M., Freitas, C. S., & Silveira, L. M. (2017). A proposal for a typology of sharing economy. *Revista de Administração Mackenzie - RAM* (Mackenzie Management Review), 18(5), 39-62.
- Schor, J., & Attwood-Charles, W. (2017). The “sharing” economy: labor, inequality, and social connection on for-profit platforms. *Sociology Compass*, 1-16.
- Schor, J. B., & Fitzmaurice, C. (2015) Collaborating and connecting: The emergence of a sharing economy. In: Reisch, L. A., & Thøgersen, J. (Ed.). *Handbook of Research on Sustainable Consumption*. Edward Elgar, 410.
- Schor, J. B., Fitzmaurice, C., Carfagna, L. B., Attwood-Charles, W., & Poteat, E. D. (2016). Paradoxes of openness and distinction in the sharing economy. *Poetics*, 66-81.
- Silveira, L. M., Petrini, M., & Santos, A. C. M. Z. (2016). Economia compartilhada e consumo colaborativo: o que estamos pesquisando? *REGE - Revista de Gestão*, 23, 298-305.
- Stake, R.E. (1998). Case Studies. In: Denzin, N. K., & Lincoln, Y.S. (Org.). *Strategies of Qualitative Inquiry*. Sage Publications. 445-454.
- Tem Açúcar. (2016) *Por que o Tem Açúcar deixou de ser site e virou aplicativo?* <https://medium.com/@Temacucar>.
- Tem Açúcar. (2015). *Sobre nós*. <http://temacucar.com/sobre-nos>.
- Van Maanen, J. (1979) Reclaiming Qualitative Methods for Organizational Research: A Preface. *Administrative Science Quarterly*, 24, 520-524.
- Varga, K. (2020). Social Innovation for the Welfare of the Community. *IJEMS*, 5(1), 480-494.